

Noturno de Olinda

Álvaro Santi

Do alto dessa colina,
onde plantaram mais cruzes
do que alguém contar consiga,
não vejo o mar, no momento.
Perscruto a noite dos tempos,
vasto horizonte da história,
em busca de vida, de luzes,
nem sei se em mim ou lá fora.

O passeio dura pouco,
mas agrada a companhia.
E a paz da noite convida
a partilharmos um sonho.

É então que avisto o par
– tão jovens – poeta e musa.
Vão subindo essa ladeira,
há duzentos carnavais.
Mesmo luar sobre as palmeiras,
mesmo perfume do mar...
A vida, porém, mais dura;
o amor, quem sabe, melhor?

Seus olhos buscam, ao longe,
um país que não virá;
não desse mesmo horizonte,
onde a aurora se apresenta,
que cruzaram seus avós,
fugindo do que houve lá.
Nenhum deles dois suspeita
que ele vai nascendo, já.

(cont.)

País sem canga ou cadeias,
que achará, a duras penas,
o seu lugar neste mundo,
ainda não se sabe qual.

Com tanta história e desejo
quanto lhe pudermos dar,
com alguma dose de rumo
e outro bocado de sorte,
ventos de sul ou de norte:
certo é que ele existirá.

Poeta e musa sonham com esse dia,
que só virá depois, muito depois
que a cobiçosa preia do gentio
tiver rasgado à força o continente.
Ainda antes de saber dos vales,
alheio ao fluxo dos caudais gigantes.
Depois que não houver mais prostitutas
à espera diante desse hotel de luxo.

À mesma mesa todos estarão reunidos.
Os índios viverão em paz, no seu costume.
Não haverá mais rei, nem clero, nem nobreza.
Nenhum tesouro irá, por sobre o mar,
quer seja fruto, rocha ou animal,
encher as arcas de usurário ou cardeal.

O bacharel será como o artesão
e aquele que já foi escravo um dia,
ao lado do que era o seu senhor,
serão de fato e de direito iguais.